



O ACADÉMICO: SEMANÁRIO ILLUSTRADO (Lisboa, 1902-1903) – Publicação periódica para estudantes, promete em “Ao que vimos” no seu número um de 31 de dezembro de 1902: “pugnar sempre, que a Academia se mantenha dentro dos dogmas que devem presidir à direcção de todas as corporações sérias e que são os sagrados princípios da verdade e da justiça.” Ideal a que junta um programa: “luctaremos para que a cantada União Académica seja mais alguma coisa que a reunião de estudantes em vivórios pelas ruas quando pretende feriados, pois é necessário acabar com a lenda que a Academia aplaude ou castiga conforme um ou outro seja o melhor caminho para não ir às aulas; urge que a Academia não dê morras a um homem para amanhã lhe pedir um favor [...]” e, ser “respeitada como merece”. Anuncia que “terá diferentes secções que versarão principalmente sobre sciencia, artes e letras, o que não quer dizer que, sem paixões políticas que não temos [...], abduquemos do direito de discutir qualquer assumpto que nos pareça de interesse para o paiz.” Enuncia ainda que “publicará um retrato que será d’um lente, d’um académico, ou enfim de alguém que se tenha tornado notável no ensino” [...] como “sincera homenagem”. E termina a “cumprimentar toda a imprensa do paiz.”

Editado por **Cândido Chaves**¹, o seu não anunciado “último número, o 8, data de 22 de março de 1903². A redação e administração d’*O Académico* sita no Largo de Camões n.º 11, 4º, muda para a Rua de S. Julião n.º 5, 2º, no seu sétimo número. Foi impresso em formato *in-fólio* (45cm x 32 cm), de 1 folha dobrada perfazendo quatro páginas não numeradas e divididas em 4 colunas. Na sua “folha de rosto” [primeira página], são reservadas uma ou duas colunas para artigos de cariz académico e as restantes para o texto “de homenagem” com a fotografia da personalidade versada ao centro da página, o que o caracteriza como um jornal ilustrado. O cabeçalho apresenta o título: *O ACADÉMICO*, em letra maiúscula a *bold* e de dimensão garrafal e o subtítulo: *Semanário Illustrado*, também em maiúscula mas com menor destaque. A sua última página é totalmente preenchida com anúncios comerciais, alguns deles ilustrados.

Muito importante neste semanário é a referência à propaganda republicana no meio académico. Acrescentamos que este jornal nasceu talvez por causa da

¹ **Cândido Chaves** (n. ca de 18--) - Discreto na sua vida privada, foi diretor e editor de, pelo menos, nove jornais entre 1883 e 1909. Por ser católico foi convidado para editor do *Jornal do Povo* (1902-1906) [simultaneamente editor d’*O Académico*], que “substituiu” a *Folha do Povo* (1880-1902). A linha socialista deste último jornal levou à sua supressão e liquidação judicial pelo governo de então. Cf. “Jornal do Povo/Folha do Povo – 1902-1906”, In LEMOS, Mário Matos e - *Jornais Diários Portugueses do Século XX: um Dicionário*. Coimbra. Ariadne Editora, 2006, pp. 402-4.

² “ACADÉMICO (O)”, In PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa, Grifo-Editores e Livreros Lda., 1996, p. 34.

influência de **A. M. da Cunha Bellem**³ [saiu por “motivos de saúde” no n.º 4], *maçon* e médico militar no Regimento de Infantaria n.º 16. Redator efetivo e autor de vários textos de homenagem, entre eles o da única mulher mencionada neste jornal: “D. Ludomila da Motta Portocarrero Pinto”, escrevendo “o mister do professor enobreceu-se” [n.º3].

Ao longo da sua curta existência este jornal saiu sempre da IMPRENSA LUCAS⁴, que tinha morada na Rua do Diário de Notícias, n.º 93, no Bairro Alto, em Lisboa. O seu preço manteve-se: “Número avulso: 30 réis, ASSIGNATURAS: 1 mez... 100 réis e 3 mezes... 300 réis”⁵. Estas informações também se encontram no cabeçalho.

Nas **Letras** destacamos os colaboradores **José Valdez**⁶, ex-estudante da *Escola Polytechnica* e militar voluntário no Regimento de Infantaria 2 no ano de 1902, foi o autor do “Folhetim d’O Académico: *Lar em Ruínas ... (Conto)*” [inicia-se no numero 2 e fica incompleto no numero 8, pois neste inclui a palavra: continua]; **Manuel Ribeiro**⁷, também ex-académico da *Escola Polytechnica*, foi crítico literário no pequeno espaço “Livros Novos”; **Jorge de Castilho**⁸, outro ex-aluno da *Escola Polytechnica* e praça no Regimento de Cavalaria 2, publicou poesias em 1902; **A. Cyrillo Soares** foi poeta e contista com: “De Noite” e “Primeiro Amor”. De referir também **D. Thomaz d’ Almeida**⁹, teólogo e sacerdote que em 1884 tinha escrito uma Pastoral contra o poder da Maçonaria e quase foi expulso. Colaborou aqui com “Os que não deviam viver”, um conto cujo tema é a miséria e o roubo, realidades bem visíveis no Portugal de 1903.

³ **António Manuel da Cunha Bellem** (1834-1905) - Escritor e cirurgião militar num dos regimentos que aderirá à Revolução do 5 de Outubro de 1910. Dirigiu o jornal *Revolução de Setembro* (1840-1901). Grande Secretário-geral das Relações Externas (1866-1872) do Grande Oriente Lusitano Unido, fundado em 1803, reunificado em 1869, na Rua do Grémio Literário (1880), em Lisboa. Cf. SILVA, Innocencio Francisco da - *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, T. 8 (Suplemento: A-B), l. N., 1867, pp. 233-4.

⁴ **IMPRENSA LUCAS** – Tipografia do “decano dos tipógrafos portugueses”, Lucas evangelista Torres (1822-1895). Famosa pela propaganda liberal que imprimiu. Foi assaltada e destruída várias vezes. Para saber mais: <http://www.arqnet.pt/dicionario/torreslucas.html>.

⁵ 30 réis como preço avulso de um jornal era caro, comparando com o do *Diário Ilustrado* (1872-1911), que só custava 10 réis e ainda tinha mais uma folha (8 páginas). Em oposição, as assinaturas d’O Académico eram 3 vezes mais baratas.

⁶ **José Valdez** (1883-1947) – Médico Veterinário. Virá a tomar parte da revolução de 5 de Outubro de 1910 e receberá várias condecorações. Cf. “Valdez, José da Ascensão”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa - Rio de Janeiro, 1940, V. 33, p. 750.

⁷ **Manuel** (António) **Ribeiro** (1878-1941) – Escritor e jornalista. Futuro professor, funcionário da Biblioteca Nacional (1932) e Conservador da Torre do Tombo. Fundador d’ *A Bandeira Vermelha: órgão da Federação Maximalista Portuguesa* e dará conferências na Casa Sindical da Rua do Século. Trabalhador na CP durante 17 anos até à sua expulsão e prisão na Cadeia do Limoeiro por atividades sindicalistas. Colaborações: *O Sindicalista*: semanário e *A Batalha: órgão da CGT* (1919-1927). Defenderá sempre uma “democracia assente em bases cristãs e sindicais”.

⁸ **Jorge de Castilho** (1880-19--)- Futuro matemático, militar e aviador (sublinhado nosso). Cf. “Castilho, Jorge (Vidal Barreto e Noronha)”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa - Rio de Janeiro, 1940, V. 6, pp. 215-6.

⁹ Cf. “Almeida, D. Tomaz Gomes de (1836-1903)”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa - Rio de Janeiro, 1940, V. 2, p. 67.

Na secção de **Ciência**, a “Chronica Scientifica” exhibia semanalmente um texto especializado de um autor diferente, como: “Anéis córados nas lâminas delgadas” do capitão-de-fragata **Fontes Pereira de Melo**, diretor da Cordoaria Nacional.

As **Artes** estão representadas na sua única rubrica: “O Theatro Moderno: origens (Estudo Histórico Litterário)”, continuada sempre na semana seguinte, por **Victor Mendes**¹⁰, estudante na *Escola Polytechnica* nesta altura.

Referimos ainda uma rubrica jornalística de **Couto Nogueira**, denominada “Cronica”, que marcava igualmente a sua presença neste jornal. E ainda outra não assinada, com o programa dos “Theatros e Circos” em Lisboa. Um espaço religioso também não lhe falta, com a rubrica: “Moral Christã”, escrita pelo então militar no Regimento de Infantaria 2 e estudante na *Escola Polytechnica*, **J. F. Sant’Ana**¹¹. Também deste autor é o artigo “Modernos Ideaes” no qual começa por lembrar “as convenções e mythos absurdos, que a ignorância de longos séculos nos legou” e termina assim: “Quão rudimentares seriam hoje ainda os nossos conhecimentos, se o *methodo experimental* não nos servisse de guia seguro no estudo das complexas manifestações da actividade cósmica¹². Referência à reforma do ensino do Marquês de Pombal, que criou o *Gabinete de Phisica*.

O **Humorismo** também surge semanalmente nas quadras satíricas intituladas “A Rir” por **DE MONÓCULO**¹³ e, apenas mais uma vez, em “Fábula (A uma poetisa que recusou as minhas lições de frances)” - poema medieval de tipo escarnio e mal dizer, composto por Leopoldo Ferreira.

Regressemos aos textos “de homenagem” na primeira página d’ *O Académico*, os quais começam com o do “Dr. Luiz d’Almeida e Albuquerque, Director da Escola Polytechnica”, escrito pelo colaborador **Almeida Lima**. Seguem-se, entre outros, o “Dr. Carlos Bello de Moraes”, ex-condiscípulo na *Escola Politéchnica* do autor deste artigo, o professor Dr. **Higino de Sousa**¹⁴; e, no

¹⁰ **Victor Mendes** (1883-1938) – Escritor e futuro médico pela Escola de Lisboa onde se formará em 1911. Cf. “Mendes, Victor (Pacheco)”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa - Rio de Janeiro, 1940, V. 16, p. 879.

¹¹ **J. F. Sant’Ana** (1879-19--)- Futuro médico militar e professor da Faculdade de Medicina de Lx. Formar-se-á na Escola Médica de Lx em 1912 (sublinhado nosso). Cf. “Sant’Ana, José Firmino”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa - Rio de Janeiro, 1940, Vol. 27, pp. 232-3.

¹² *O Académico* (1902-1903), Lisboa, N.º 6 (4 Fev. 1903), p.3.

¹³ **DE MONÓCULO** – Pseudónimo de António dos Santos Fonseca (1858-1937) – Militar, jornalista e secretário da 5ª e 6ª Alta Venda da **Carbonária Portuguesa**. Na Revolução do 5 de Outubro de 1910 será o intermediário das comunicações. Cf. “**Monóculo**”. ANDRADE, Adriano da Guerra - *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999, p. 197. Para saber mais: <http://arepublicano.blogspot.pt/2011/09/antonio-dos-santos-fonseca.html>.

¹⁴ **Higino de Sousa** (1862-1904) – Formou-se na Escola Médico-cirúrgica e doutorou-se ao mesmo tempo, em 1890. Redator do jornal republicano *A Pátria* (1899-1900), defensor patriótico contra o *Ultimatum* inglês a Portugal (1890) e várias vezes apreendido; fechado pelo Governo; continuará com novo título: *O Mundo* (1900-1927). Cf. “Sousa (Domingos Higino da Ponte e)”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro, 1940, V. 29, pp. 794-5.

último número, assinada pela redação, temos uma homenagem a **Brito Aranha**¹⁵, maçom, jornalista, entre outras profissões, caracterizando-o como “honrado jornalista” de “caracter nobilíssimo”.

Chegados a este ponto, damos a palavra a Clara Rocha: “O aparecimento de mais de **200 títulos de revistas e jornais literários** ou com algum interesse literário, desde 1900 até aos nossos dias [1985] – o que corresponde a uma média de 2,5 revistas lançadas por ano – significa com certeza alguma coisa” [...]. E continua mais à frente: “E o jornal literário é particularmente datado” porque noticia “os acontecimentos artísticos do presente ou dum passado muito recente¹⁶.” Então, não significava apenas: combater o então baixíssimo nível de instrução e o lançamento de novos autores no mercado livreiro, mas principalmente, em nossa opinião, preparar uma elite de militares republicanos para uma revolução. A propósito, refere José Mattoso: “Arranjar militares era importante [...]. É, mais à frente, sobre a Revolução do 5 de outubro de 1910, acrescenta: “a revolução foi feita por gente que tinha estado na escola quase toda ao mesmo tempo¹⁷.” Esta escola era a *Escola Polytechnica*¹⁸.

Relembremos que um jornal académico relata e comenta a vivência estudantil. Assim, uma “excursão” que a *Tuna da Escola Polytechnica* organizou é descrita e refere-se que “até três dos fundadores deste jornal a acompanhou”. De intenções moralistas mas igualmente idealistas, lemos: “Em these as tunas são agremiações que devem existir em todas as academias”. A seguir o delegado desta tuna é elogiado assim como os saraus e as representações, mas o regente da tuna [o único que não era aluno] é fortemente criticado: “anda com fato que lhe não pertence. Capa e batina usam os estudantes das escolas superiores e d’aquelles lyceus que solicitem e obtenham permissão para a usar.” São também criticadas duas **polémicas**. Uma foi o pedido a El Rei de feriados para que os alunos da tuna não tivessem faltas, o qual foi contrário à opinião de “uns sujeitos com pruridos de republicanos protestaram, pois que diziam elles, a tuna não representa a vontade de toda a escola e por isso não deviam pedir feriados que nós os republicanos não queremos.” A outra foi sobre uma “falsidade”, que é narrada assim: “Parece impossível que quem se diz defensor dos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade recorra a um

¹⁵ **Brito Aranha** (1833-1914) – Tipógrafo, escritor, Redator do *Diário de Notícias*, quadro artístico da Imprensa Nacional condecorado e tradutor. Colaborou no *Archivo Pittoresco* (1857-1868), continuou o *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio da Silva. Fundador, entre outros, de: Albergue dos Inválidos do Trabalho, Associação Tipográfica Lisbonense e Artes Correlativas, Grémio Artístico e Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses. Cf. Redacção (A). “Brito Aranha”, In *O Académico*, N.º 8 (1 Mar. 1903), [p.1]; “Brito Aranha (Pedro Venceslau de)”, In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro, 1940, V. 5, pp. 109-10.

¹⁶ *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa, INCM, 1985, p.21, 25.

¹⁷ Cf. “Os militares republicanos”, In MATTOSO, José. *História de Portugal*. Vol. 6, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 368-9.

¹⁸ **Escola Politécnica/Polytechnica** (1837-1911) – Nome de rua e tipo de ensino médio-superior criado pelo Governo Setembrista no Convento jesuíta da Cotovia. Local onde existia o Real Colégio dos Nobres (1761-1837), criado pelo Marquês de Pombal depois da expulsão da Ordem de Jesus do território continental português, em 1759.

tal processo [...]” de espalharem por Évora “que os seus condiscípulos não eram realmente alunos da Escola Polytechnica¹⁹.”

Nesta linha académica, também se moraliza e critica o problema dos “espancamentos que allunos mais possantes do lyceu dão segundo nos consta nos mais pequenos”²⁰. Nada mais atual. Hoje os *media* chamam-lhes *bullying*. Na mesma linha inicia-se uma polémica de pura retórica quando este jornal responde “ao ilustre colega *Voz da Pátria*” sobre a “união das tunas”, com a qual ambos concordam. E informa mais à frente: “Há mais d’um anno que se fundaram as diferentes tunas [...]”²¹.

Que a Academia de Lisboa se constituísse em Associação Académica era um desejo deste jornal que promoveu uma reunião “para discutir o projecto da sua fundação” a 24 de Janeiro no *Atheneu Commercial*²². Seguiu-se, em 22 de Março um sarau no *Colyseu dos Recreios* para a fundação da mesma associação “tão necessária e indispensável no meio académico”²³.

A propósito “d’ um officio como o que o ilustre Director da Escola Polytechnica recebeu” sobre brincadeiras carnavalescas, este jornal critica severamente os legisladores portugueses: “se por lá [Secretarias do Terreiro do Paço] não abundassem tantos *insignes* varões a legislar para escolas que sabem que existem por ouvirem falar n’ellas, não se teria enviado um officio absolutamente escusado”. Este texto termina humoristicamente: “Tudo, porém se lhes deve desculpar porque eles não passam d’uns verdadeiros tartufos²⁴.”

Outro tema focado foi o da **liberdade de imprensa**. É também o nome de um artigo, no qual o seu autor pergunta: “Qual é o direito que pode legalizar esses abusos taes como a suppressão do *Imparcial* e a apprehensão da *Parodia*,²⁵ factos attentorios dos mais sagrados e invioláveis direitos da liberdade e dos mais racionaes e rudimentares princípios de justiça?” E continua: “O sr. Ministro do reino apprehende os jornais não por eles fazerem qualquer referênciã que possa ferir a sua dignidade pessoal ou offender as leis do Estado, porque a imprensa não desce a essas baixezas e sabe guardar a devido respeito a todas as prescripções dos códigos nacionais, mas sim porque alguns jornaes, sacudindo o jugo do servilismo repugnante que amordaça a propaganda dos ideaes nobres e das convicções liberaes relatam apenas n’uma narração singela e sem commentarios, os factos vergonhosos da sua funesta administração [...], finalmente porque esses jornaes apóstolos fervorosos d’essa cruzada santa da Civilização e da Liberdade se não rojam a mendigar-lhe favores nem lhe applaudem os actos de despotismo. Neste honroso campo militam entre outros o *Mundo* e o *Imparcial*, campeões

¹⁹ Cf. “Excursão a Évora” [n. assinado], In *O Académico: semanário illustrado*, Lisboa, N.º 1 (31 Dez. 1902), p. 2.

²⁰ Cf. “Lyceu de Lisboa” [n. assinado], *Ibidem*, N.º 2 (7 Jan. 1903), p. 1.

²¹ Cf. “União das Tunas” [não assinado], *Ibidem*, N.º 3 (14 Jan. 1903), [p. 1].

²² Cf. “Associação Académica” [não assinado], *Ibidem*, N.º 5 (22 Jan. 1903), [p. 2].

²³ Cf. “Associação Académica: o grande sarau no Colyseu dos Recreios” [não assinado], *Ibidem*, N.º 8 (22 Mar. 1903), [pp.1-2].

²⁴ Cf. “Tartufos” [não assinado], *Ibidem*, N.º 4 (21 Jan. 1903), [p.1].

²⁵ V. *A Paródia: comedia portugueza* (1900-1907). Lisboa, Editor Cândido Chaves.

denodados da independência pública e valiosos factores no nosso meio jornalístico.”²⁶

Como curiosidade citamos um anúncio deste jornal, em que são mencionados três estabelecimentos comerciais já desaparecidos: “O Académico encontrava-se à venda em Lisboa na Galeria Mónaco, nas tabacarias Neves no Rossio e no Marques na Rua do Ouro.”²⁷

Outra curiosidade interessante, em nossa opinião, era o envio por correio em que o nome do assinante era escrito à mão no canto direito da última página, no espaço de um anúncio, composto tipograficamente como um cartão-de-visita a que não faltava o título deste jornal e a morada da redação e administração. A seguir, era dobrado duas vezes no sentido da altura e de forma a ficar visível o destinatário/assinante.²⁸

Para finalizar, Inferimos que este semanário literário “morreu” devido a **prejuízos financeiros**, uma vez que a primeira coluna dos seus dois últimos números chama a atenção para o pagamento das assinaturas “logo que lhes sejam apresentados os respectivos recibos”.²⁹

No período de vida deste jornal, a maior parte da sociedade portuguesa era muito supersticiosa, católica e pouco monárquica. Neste ambiente, sujeito a influências externas, emergem novos poderes: **o republicanismo e a maçonaria**.

O nosso “fecho da abóbada” são as palavras de José Tengarrinha: “Foi esse período de 1889 a 1908 o mais duro [...] de repressão da Imprensa” e “a partir de 1903 começa a reestruturar-se o Partido Republicano e os jornais seus defensores ganham progressivamente rumos mais definidos e maior dinamismo.”³⁰

M. Helena Roldão

Lisboa, 15 de Maio de 2012

Bibliografia complementar:

MARQUES, A. H. de Oliveira - *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, Vol. 1 e 2, Lisboa, Editorial Delta, 1986.

²⁶ ²⁶. Cf. MENDES, Victor. “Liberdade de Imprensa”, In *O Académico: semanário ilustrado*, Lisboa, N.º 6 (4 Fev. 1903), [p. 2].

²⁷ *Ibidem*, N.º 2-6 (7 Jan. /4 Fev. 1903), respetivamente: p. 2, 3, 1, 1, 1.

²⁸ *Ibidem*, N.º 8 (22 Mar. 1903), [p.4].

²⁹ *Ibidem*, N.º 7-8 (1 e 22 Mar. 1903), [p.1].

³⁰ TENGARRINHA, José. *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª Ed., Lisboa, Editorial Caminho SA, 1989, p.239, 259.